



SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO RELIGIOSO

Informativo da ASSINTEC n° 46

Julho/2019

ENSINO RELIGIOSO: O RESPEITO À CRIANÇA NA SUA DIVERSIDADE



Adaptado de <http://queroimagem.blogspot.com/2012/06/mundo-png.html>

O Ensino Religioso é uma das cinco áreas do conhecimento conforme a Base Nacional Comum Curricular (2017) e um componente curricular de oferta obrigatória nas escolas públicas de Ensino Fundamental, atendendo crianças dos 6 aos 14 anos de idade. Para esta faixa etária, o trabalho pedagógico deve estar voltado para a formação integral desse estudante a partir das suas singularidades e, ao mesmo tempo, respeitando a diversidade presente em sala de aula. Este é o desafio proposto para as aulas de Ensino Religioso: o desenvolvimento de práticas inclusivas no exercício da alteridade para a formação e o respeito à diversidade.

NESTA EDIÇÃO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA BNCC E NO REFERENCIAL CURRICULAR DO PARANÁ	02
PRÁTICAS INCLUSIVAS NO ENSINO RELIGIOSO: UM OLHAR PARA A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA.....	03
CONTRIBUIÇÃO DOS REPRESENTANTES RELIGIOSOS DA ASSINTEC	06
SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS.....	17
INFORMAÇÕES GERAIS	25

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA BNCC E NO REFERENCIAL CURRICULAR DO PARANÁ

Prof. Dr. Elói Correa dos Santos

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) onde o Ensino Religioso é uma das cinco áreas de conhecimento, assume o compromisso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015)¹.

A Declaração Universal de Direitos Humanos (1948) é um divisor de águas na história da educação inclusiva e com sua divulgação se consolidaram ações voltadas para a promoção da paz e a afirmação das sociedades livres e democráticas, vinculando a Educação à dignidade humana. O Referencial Curricular do Paraná: Princípios, Direitos e Orientações alinhado com a BNCC e o componente curricular de Ensino Religioso, abraçam a proposta de uma educação inclusiva, com o compromisso com a igualdade de oportunidades para todos (as), como podemos observar na citação abaixo:

Diante do exposto, a escola precisa promover estratégias para o acesso ao currículo, métodos diversificados e ações pedagógicas efetivas, considerando as diferenças entre os sujeitos e as especificidades que essas diferenças impõem, enfatizando a premissa de que todos os estudantes têm direito à educação de qualidade, inclusiva e equitativa, em todos os níveis e modalidades educacionais. (...) Nessa perspectiva, ressalta-se o direito à educação para o público da educação especial, o qual se constituiu, principalmente, no período pós Constituição Federal de 1988, quando anuncia a redução das desigualdades sociais, a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, cor, sexo, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Art. 3º, II e IV). (REFERENCIAL CURRICULAR DO PARANÁ, 2018, p. 19).

Quando pensamos a educação inclusiva e possibilidades metodológicas no que diz respeito ao Ensino Religioso devemos entender que existem diferentes formas de necessidades especiais e abordagens específicas para a inclusão dos estudantes nessa condição, tais como:

- Deficiência Visual e Auditiva: o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização (ex: LIBRAS, Braille);
- Deficiência Intelectual: mediação para o desenvolvimento de estratégias de pensamento (ex: comunicação alternativa);
- Deficiência Física: adaptações do material e do ambiente físico (ex: cadeiras, tecnologia assistiva);
- Transtorno Global do Desenvolvimento: estratégias diferenciadas para adaptação e regulação do comportamento;
- Altas Habilidades: ampliação dos recursos educacionais e/ou aceleração de conteúdos.

Portanto, neste periódico do informativo da ASSINTEC nº 46, são apresentadas algumas práticas pedagógicas que poderão auxiliar os professores de Ensino Religioso em suas aulas, onde se trabalha justamente, o respeito à diversidade cultural e religiosa e nesse momento nos colocamos mais esse desafio: pensar pedagogicamente a educação inclusiva.

¹ BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, 7 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 23 mar. 2019.

PRÁTICAS INCLUSIVAS NO ENSINO RELIGIOSO: UM OLHAR PARA A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA

Por Brígida Karina Liechocki

No contexto educacional brasileiro há a propagação de políticas inclusivas que se baseiam no direito de “todos” a aprender, ressaltando a importância da reflexão acerca das práticas pedagógicas inclusivas como parte do processo de ensino e aprendizagem. Este direito de aprender com igualdade de oportunidades e condições para todos, traz desafios para o professor quanto às propostas de trabalho em sala de aula, pois para uma educação mais justa e humanitária é preciso uma pedagogia voltada para o aluno/estudante, baseada em suas habilidades e não em suas deficiências, assim como o desenvolvimento de práticas que incorporem a interdisciplinaridade, o trabalho colaborativo e a sensibilização para a alteridade enquanto exercício para o respeito às diferenças e as relações de interdependência.

O princípio fundamental da educação inclusiva fundamenta-se na valorização da diversidade humana, diversidade esta presente em sala de aula a partir das diferentes representações sociais, culturais, étnicas e religiosas que a compõe.

Nesta perspectiva, o Ensino Religioso torna-se um campo privilegiado para o desenvolvimento de práticas inclusivas em sala de aula, pois, enquanto área do conhecimento e componente curricular, “apresenta uma relevante contribuição social às presentes e futuras gerações: o exercício do diálogo, o reconhecimento das alteridades, o respeito à diversidade, a promoção da liberdade religiosa e da dignidade humana” (Cecchetti; Pozzer, 2015, p.350). Assim, no processo de ensino e aprendizagem, ao propiciar a análise do fenômeno religioso sob o ponto de vista do conhecimento, da diversidade e da garantia dos direitos humanos, o Ensino Religioso escolar corrobora para a ressignificação e compreensão das diferenças que permeiam as relações a partir do desenvolvimento da capacidade de conviver com o “outro” interagindo e dialogando com a diversidade em todas as suas nuances e, ao mesmo tempo, promovendo a superação de preconceitos e demais formas de discriminação.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular de 2017, os sistemas e redes de ensino ao construir seus currículos, e as escolas ao elaborar propostas pedagógicas, devem considerar as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais. Nesta perspectiva inclusiva, a orientação é que as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver sejam oportunizadas com princípios de igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas. Essa igualdade deve valer também para as oportunidades de ingresso e permanência em uma escola de Educação Básica. Desta forma, as decisões curriculares e didático-pedagógicas das Secretarias de Educação, o planejamento do trabalho anual das instituições escolares, assim como as rotinas e os eventos do cotidiano escolar devem levar em consideração a necessidade de superação das desigualdades. Para isso, os sistemas e redes de ensino e as instituições escolares devem se planejar com um claro foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes.



De forma particular, um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes – e as pessoas que não puderam estudar ou completar sua escolaridade na idade própria. Igualmente, requer o compromisso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) (BNCC, 2017).

O objetivo final no processo de inclusão escolar dos estudantes, principalmente daqueles que apresentam algum tipo de comprometimento intelectual e/ou físico, é o desenvolvimento de habilidades e competências que viabilizem a sua participação na sociedade com mais autonomia e possibilitando o exercício de sua cidadania.

Neste sentido, a escola como um todo é convidada a direcionar seu trabalho a fim de efetivar práticas mais inclusivas

A escola se torna inclusiva à medida que reconhece a diversidade que constitui seu alunado e a ela responde com eficiência pedagógica. Para responder às necessidades educacionais de cada aluno, condição essencial na prática educacional inclusiva, há que se adequar os diferentes elementos curriculares, de forma a atender as peculiaridades de cada um e de todos os alunos. Há que se flexibilizar o ensino, adotando-se estratégias diferenciadas e adequando a ação educativa às maneiras peculiares dos alunos aprenderem, sempre considerando que o processo de ensino e de aprendizagem pressupõe atender à diversificação de necessidades dos alunos na escola (BRASIL, 1999 apud ARANHA; SILVA, 2005, p. 377).

Uma sala de aula retrata o que, a psicologia cognitiva, a neurociência, a psicopedagogia, entre outras áreas, são unânimes em considerar no processo de ensino e aprendizagem: as diferentes inteligências, os diferentes estilos de aprendizagem e as diferentes modalidades sensoriais que reforçam a importância de trabalhar com diferentes abordagens metodológicas pois os estudantes aprendem melhor a partir de diferentes estímulos conforme as suas habilidades mais desenvolvidas, quer seja: auditiva, visual, cinestésica, lógico-matemática, naturalista, etc. quer seja pelos seus interesses relacionados a esses canais mais propícios para a aprendizagem significativa. Portanto, o professor precisa contemplar em seu planejamento diferentes recursos didáticos e metodologias diferenciadas aplicadas à prática pedagógica para apresentar e discutir os conteúdos, assim como empregar diferentes formas de avaliação dos conhecimentos. Assim, é importante desenvolver uma metodologia para as aulas de Ensino Religioso a partir de práticas pedagógicas que propiciem a exploração do ambiente de aprendizagem por meio de experiências sensoriais proporcionando diferentes estímulos e experiências significativas, contemplando assim, os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem, promovendo concomitantemente meios de contribuir para o avanço no nível de desempenho escolar de todos os estudantes e em todas as áreas.

Dentre as estratégias para o desenvolvimento de práticas inclusivas nas aulas de Ensino Religioso, inicialmente é preciso considerar no planejamento das aulas, atividades que estimulem a convivência na diversidade e as possibilidades de se aprender com as diferenças. A dinâmica da sala de aula inclusiva privilegia a colaboração e a cooperação. Neste sentido, é importante trazer para a sala de aula, materiais concretos para atividades de construção coletiva e recursos diferenciados para equiparar as oportunidades de aprendizagem. Com o foco nas habilidades e competências da aprendizagem, maior será o resultado alcançado pelo professor, pelo aluno/estudante que parecia tão diferente e por seus colegas que certamente também

terão seu ensino positivamente contaminado por este modo inclusivo de ver o jeito de aprender de cada um (SILVA, 2017).

Para um Ensino Religioso que direcione um trabalho escolar significativo e voltado para o estudante como construtor ativo do seu conhecimento e desenvolvimento global (cognitivo, afetivo, social, motor, linguístico e ético) propõem-se alguns encaminhamentos metodológicos onde o docente realize um trabalho pedagógico que estimule a autonomia, a responsabilidade e a interação dos estudantes com seus pares para que estes possam gerar novos conhecimentos, novas investigações e descobertas, explorando novos estímulos com base nos conteúdos apreendidos de forma interdisciplinar, utilizando de estratégias nas quais pensar o trabalho escolar no Ensino Religioso para o Ensino Fundamental é entre outras possibilidades propiciar experiências multissensoriais para explorar o universo simbólico na leitura do fenômeno religioso presente na sociedade por meio de atividades tais como: a comunicação e a interpretação das linguagens sagradas por meio do teatro e a contação de história; aulas de campo para visitação de lugares sagrados e contato direto com as lideranças religiosas, arquitetura e simbologia sagrada; a ludicidade por meio de jogos e brincadeiras com os conteúdos trabalhados nas aulas de Ensino Religioso; análise fílmica e de obras de arte como leitura do fenômeno religioso; a sensibilização e o exercício da alteridade por meio de dinâmicas; a integração das tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, reflexiva e ética na produção do conhecimento acerca da diversidade cultural e religiosa.

Enfim, o Ensino Religioso enquanto componente curricular faz parte desta formação integral do estudante, proporcionando experiências de ressignificação de saberes, olhares e perspectivas, contribuindo assim para ampliar o conhecimento necessário ao exercício da alteridade, da cidadania e ao respeito à diversidade.



SITES CONSULTADOS

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_cee.pdf

REFERÊNCIAS

CECCHETTI, Elcio; POZZER, Adecir. **Entre fechamentos e aberturas: o Ensino Religioso no currículo escolar**. In: Adecir Pozzer; Francisco Palheta; Leonel Piovezana; Maria José Torres Holmes. (Org.). Ensino Religioso na Educação Básica: Fundamentos Epistemológicos e Curriculares. 1ed. Florianópolis: Saberes em Diálogo, 2015, v.1, p.335-352.

Harvey F.; Richard W. Strong; Matthew J. Perini. **Inteligências Múltiplas e estilos de aprendizagem. Para que todos possam aprender**. Porto: Porto Editora, 2010.

SILVA, Brígida Karina Liechocki N. **Inclusão escolar de uma criança com Síndrome de Down**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

SILVA, Simone Siqueira; ARANHA, Maria Salete Fábio. **Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva**. Revista brasileira de educação especial, Marília, set-dez. 2005. V.11, n3.

CONTRIBUIÇÕES DE REPRESENTANTES E LÍDERES DE ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS DA ASSINTEC

As contribuições apresentadas por representantes e líderes de diferentes organizações religiosas acerca dos aspectos específicos das tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, tem como objetivo subsidiar o trabalho dos professores envolvidos com o Ensino Religioso, tanto para a leitura do fenômeno religioso, quanto para que se possa propiciar na sala de aula o exercício da convivência com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.

Nesse sentido, as Competências Específicas apontadas para o Ensino Religioso no Ensino Fundamental presentes na BNCC e, por consequência, no Referencial Curricular do Paraná, efetivam o prescrito na LDB 96/97 e são propositivas ao indicar a importância de:



COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE ENSINO RELIGIOSO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.
4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.
5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.
6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.

Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/a-area-de-ensino-religioso>

Desta forma, esse informativo da ASSINTEC que trata da temática sobre o respeito à criança na sua diversidade, apresenta algumas contribuições dos representantes e líderes associados à ASSINTEC sobre a participação da criança nas diferentes Organizações Religiosas, para colaborar no desenvolvimento dos objetos de conhecimento das unidades temáticas da BNCC e Referencial Curricular do Paraná que se referem às **Identidades e Alteridades, Manifestações Religiosas e Crenças religiosas e filosofias de vida.**

Vejamos então, o que afirmam algumas organizações religiosas sobre:

“A CRIANÇA NAS DIFERENTES RELIGIÕES”

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ - JOÃO EDSON ALVES



Federação Espírita do Paraná

O que é a Evangelização Espírita?

A evangelização espírita é uma tarefa de formação moral da infância e da juventude que visa promover a integração do evangelizando consigo mesmo, com o próximo e com Deus. Segundo proposta do Centro Espírita Filhos da Verdade, “A Evangelização Espírita da Infância e Juventude representa toda a ação voltada ao estudo, à prática e à difusão da Doutrina Espírita junto à criança e o jovem. São atividades de natureza educacional desenvolvidas pelo Departamento da Infância e Juventude, visando o aprimoramento moral e a formação de pessoas de bem. Segue programas elaborados pelas FEB e FEP. Os grupos são divididos por faixas etárias de maneira que seja possível aplicar, em cada uma delas, a metodologia mais apropriada às características de cada idade.”.

Abaixo estão algumas referências basilares para a implantação de tão nobre tarefa:

“Busca oferecer ao evangelizando a oportunidade de perceber-se como ser integral, crítico, consciente, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do Universo, agente de transformação de seu meio, rumo a toda perfeição de que é suscetível.”

(Cecília Rocha e equipe. Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infante-juvenil. 4. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011.)

“O currículo de ensino adotado para tal cometimento tem seu conteúdo programático calcado nas Obras Básicas e constitui um curso de Espiritismo que se desenvolve durante todo o processo de evangelização.”

Cecilia Rocha. Pelos Caminhos da Evangelização, cap. 5, ed FEB.

“O amor faz parte do programa de educação no lar e da grade escolar, orientando os impulsos que se devem transformar em sentimentos, os instintos que evoluirão para as emoções, a aprendizagem que se encarregará de criar atos de afabilidade e de doçura, de reto dever em relação aos demais, produzindo benção para aquele que assim se comporta...”

Joanna de Ângelis. Garimpo de Amor, cap.

Amor e Educação A evangelização da infância não consiste em seu acondicionamento às nossas ideias. É o processo de emancipação infantil para a compreensão da justiça e do bem.”

(André Luiz – Ideal Espírita, cap. 34)

1 O Centro Espírita Filhos da Verdade está situado na Rua Rocha Pombo n.º 225, bairro Juvevê, em Curitiba/PR.
2 Departamento de Infância e Juventude da Federação Espírita do Paraná – DIJ/FEP. Evangelização Espírita Infante-juvenil:Um ato de Amor.Disponível em: <http://feparana.com.br/dij/topico/?arquivo=56> Acesso em: 06 Jun 2019.

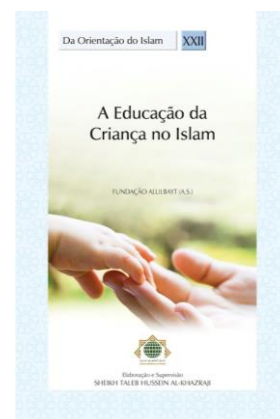


No livro “A Educação da Criança no Islam” são apresentadas a teoria e a prática islâmica na educação da criança.

A Educação da Criança no Islam / Fundação Alulbayt (A.S.); elaboração e supervisão Sheik Taleb Hussein Al-Khazraji ; tradução e revisão Ismail Ahmad Barbosa e Denilson do Nascimento Silva. -- 1. ed. -- São Paulo : Centro Islâmico no Brasil, 2012. -- (Da orientação do Islam ; v. 22)

Livro disponível em :

<https://drive.google.com/open?id=1FHKNLFJFruL2uCTmS6HbxWDG41s-EV>



SEICHO NO IE DO BRASIL - EVÓDIA KOERICH



1º§ do Prefácio “A Verdade da Vida”, volume 25 – Educação na Prática;

“A base da educação deve consistir em: crer na potencialidade infinita da criança; descobrir seus talentos e suas habilidades, elogiá-la, incentivá-la, fortalecer-lhe a autoconfiança e assim fazê-la interessar-se pelos estudos. A possibilidade de desenvolvimento da criança é possibilidade de desenvolvimento da Vida. E a Vida se desenvolve viçosamente quando se vê livre de restrições. ”

Na prática da Educação da Vida, procuramos atender os 5 desejos básicos do ser humano. São eles:

- **Ser amado:**

Escutar a criança, o adolescente, o jovem. Dedicar momentos para ouvir seus anseios, as suas angústias. Acolher, A criança deve sentir-se acolhida na Escola (quem sabe não há acolhimento no lar, daí os distúrbios no comportamento, na aprendizagem...);

- **Ser elogiado:**

A criança cresce no sentido em que é elogiada. Através do **uso do poder da palavra, exaltamos as qualidades**, não os defeitos. E não nos atemos aos aspectos imperfeitos que se manifestam. “Será infrutífera a tentativa de melhorar a criança que apresente péssimo desempenho escolar, se nos referirmos a ela como uma criança de mentalidade abaixo do normal. Tolhida pelo efeito restritivo de tais palavras, a Vida dessa criança se atrofiará ainda mais, ao invés de se desenvolver. ”

- **Ser reconhecido:** o que é reconhecido, acaba se concretizando, pois a palavra é força criadora.

Reconhecer na criança a “natureza divina”, harmoniosa e perfeita, com potencialidade infinita.

- **Ser útil:**

Procuramos despertar valores como o respeito, a solidariedade, a colaboração mútua, promovendo as atividades em grupos.

Nos grupos uns podem ensinar aos outros, compartilhar materiais e ideias. Costuma-se dizer que “é ensinando que se aprende”. Exemplos como contar histórias para os

coleguinhas, estimular jogos e feiras de matemática, usar as tecnologias para desenvolver vídeos, e outros. (História da menina da escola particular);

- **Ser livre:** a educação deve eliminar as amarras das restrições.

Criança revoltada ama os pais, mas passam a detestar os estudos porque seus pais preocupados demais com o desempenho escolar dos filhos, tolhem sua liberdade. Ou a escolha da carreira. Aplicamos conforme a realidade com as quais nos deparamos. Temos vários exemplos de vivências em vários locais do Brasil, e da América Latina. (Menino do documentário).

ISKCON – PHALGUNA NIMAI DAS



O MOVIMENTO HARE KRISHNA E EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS.

Quando começa a educação?

De acordo com os textos sagrados da Índia antiga, os Vedas, o planejamento educacional de uma criança começa no próprio momento da concepção da criança.

Aprendemos por essas escrituras que o estado de consciência dos pais determina necessariamente que tipo de pessoa será atraída para habitar o ventre da mãe.

Assim, encontramos pessoas que estão em diferentes estados de consciência de acordo com seu karma no ciclo de repetição de nascimentos e mortes.

Os casais Hare Krishna antes de conceberem uma criança passam 8 horas orando e pedindo que o Senhor mande uma alma piedosa que possa ajudar a causar uma mudança significativa nesse planeta.

Isso é muito diferente de quando uma criança é concebida de forma não planejada e em desalinho com as regulações das escrituras, motivadas apenas por luxúria.

Aprendemos pelo Baghavad Gita, nossa principal escritura sagrada, que a população não desejada, ou seja, filhos concebidos somente através da luxúria, se torna grande causa de distúrbios na sociedade por serem pessoas como todos nós que foram gerados com consciência de desfrute e exploração.

As pessoas que vem nessa vibração não são tão piedosas e são muito confusas e luxuriosas, diferente do tipo de alma que se atrai quando você concebe uma criança tendo o ato sexual como algo sagrado e divino em alinhado com a vontade do Senhor.

Diferentes objetivos requerem diferentes métodos:

Nós aprendemos através das escrituras sagradas que o objetivo dessa forma de vida humana é desenvolver nosso amor latente por Deus e naturalmente aprender a amar todos os outros seres vivos. Se diz que desde o planeta mais elevado até o mais insignificante nesse mundo material, todos os lugares miseráveis onde ocorre repetição de nascimentos e mortes, então nosso objetivo é educar as pessoas para que se libertem do mundo material, e não para que permaneçam aqui nascendo e morrendo.

Então, o sistema de educação da cultura védica, que nós no movimento Hare Krishna praticamos, visa criar condições desde o princípio para que uma pessoa se sinta atraída por Deus e pelos tópicos espirituais, para que uma pessoa se sinta atraída pelo conhecimento espiritual e saiba como se relacionar com este mundo de acordo com o conhecimento espiritual.

Assim, a primeira cerimônia sagrada que visa registrar na consciência da criança uma impressão e um desejo de se aproximar de Deus é o próprio ato da concepção e depois em diferentes fases da vida da criança existem outras cerimônias que visam criar condições para que ela na sua maturidade se sinta atraída por Deus.

Quem são os educadores:

Educação significa outorgar para alguém autoconhecimento, caráter e conhecimento sobre como se relacionar com este mundo.

Então, na cultura védica, independente do conhecimento que um educador tenha, a menos que ela tenha um comportamento ideal, ele não deve ser aceito como educador.

Método educacional:

O sistema tradicional da cultura védica, e isso é uma coisa bastante difícil de se implementar no ocidente, começa aos 5 anos de idade.

Na Índia antiga, aos 5 anos de idade a criança ia viver na casa do mestre espiritual. Então, dos 5 aos 25 anos a pessoa passa pelo período de treinamento para conhecimento espiritual, formação de caráter e conhecimento fenomenal.

Nós temos em diferentes lugares do mundo semelhantes 'GuruKulas' que são escolas que funcionam dentro deste princípio.

O ponto principal é que independente de conseguir ou não seguir estritamente este princípio de sistema educacional nós visamos educar nossas crianças de modo que elas aprendam o conhecimento fenomenal necessário para viver neste mundo e em paralelo com isso e sendo verdadeiramente prioridade o conhecimento espiritual.

O exemplo é melhor que o preceito:

Já que a forma de vida humana se dedica a compreensão de Deus e o desenvolvimento consecutivo de amor por ele, todo nosso sistema educacional visa criar condições para que alguém se aproxime de Deus.

O principal ponto é que a menos que os pais da criança ou os educadores sejam pessoas conscientes de Deus e atuem de acordo com isso é muito difícil que elas se sintam inspiradas a praticar vida espiritual.

Dessa forma, além de todo o conhecimento filosófico e bagagem cultural, os pais devem praticar vida espiritual, e serem sérios na vida espiritual, isso motivará seus filhos a também praticarem.

A importância da mãe:

Outro ponto muito importante do sistema educacional da cultura védica é a presença da mãe.

Em nosso sistema social moderno, as mães estão terceirizando a educação dos filhos, e indo para o mercado de trabalho competir e conseguir dinheiro.

O sistema da cultura védica que é baseado num conhecimento muito profundo de psicologia, ensina esse tópico básico de psicologia que uma criança que recebe suficiente afeto e proteção dos pais se torna forte emocionalmente pelo resto de sua vida.

Existe uma escritura sagrada em que se afirma que se uma criança recebe suficiente proteção e afeto nos primeiros meses de sua vida, ela terá força para superar todos os obstáculos que possam aparecer no futuro.

Na sociedade onde se terceira a educação das crianças a fim de se ganhar mais dinheiro, isso cria pessoas emocionalmente desestruturadas.

Na cultura védica se enfatiza que as mães devem se submeter a este trabalho de educar seus filhos, e isso não visa apenas à estruturação emocional da criança como também tem o objetivo de purificar o coração da mãe.

Aprendemos que, para que uma pessoa possa desenvolver seu amor latente por Deus, ela precisa eliminar toda contaminação adquirida por vidas e vidas gravadas em sua consciência.

Para isso é necessário muito trabalho, quem é mãe e pai sabe o quanto é trabalhoso cuidar de uma criança, isso é muito mais trabalhoso do que estar em uma empresa.

Dessa forma quando terceirizamos a educação dos nossos filhos, nós não só os tornamos pessoas fracas emocionalmente como também nos privamos de uma grande oportunidade de purificar nosso coração e desenvolver boas qualidades.

De forma concisa esses são os tópicos básicos que a consciência de Krishna apresenta sobre a educação das crianças.

AMORC ORDEM ROSACRUZ - HÉLIO DE MORAES E MARQUES



A Formação de Jovens na Ordem Rosacruz AMORC

Não obstante a Ordem Rosacruz AMORC estar legalmente constituída como uma entidade religiosa, na prática dos seus ensinamentos não existem dogmas e a liberdade individual de credo é plenamente respeitada.

Buscando participar na formação do jovem, foi desenvolvido um programa originalmente intitulado Ordem Rosacruz Juvenil, que foi reformulado a partir de 2010 para atender aos jovens do nosso tempo e passou a chamar-se **Ordem Guias do Graal – OGG**. Este programa é baseado nos quatro pilares da educação propostos para a UNESCO pela **Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**, coordenada por Jacques Delors: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; aprender a ser. Entendendo que a educação atual tem seu foco nos dois pilares mais direcionados para o exercício de uma profissão, a OGG optou trabalhar os dois pilares menos valorizados oficialmente: **Aprender a Ser e Aprender a Conviver** e tem como missão: **“Formar indivíduos capazes de assumir a condição de sujeitos autônomos, com plenas possibilidades de realizar todo o seu potencial individual e que nutram o sincero desejo de colocar este mesmo potencial desenvolvido a serviço de si e dos outros”**.

Além disso, a proposta da **OGG** atende também o aspecto espiritual, despertando esta dimensão no jovem através do sentimento místico baseado no mito do herói, cujos elementos resgatam a simbologia subjacente presente na ética cavaleiresca templária em seus aspectos mais altruístas. Nesse sentido, a **OGG** resgata, para a realização dos **pilares do aprender a ser e do aprender a conviver**, o Mito do Graal, reconhecido sistema místico e de arquétipos, oferecendo um enredo próprio e uma finalização com base na Ontologia da AMORC. Assim, o jovem é inspirado a buscar o Sagrado, num processo de evolução individual que implica esforço, perseverança, honra e altruísmo. Por fim, no conhecido binômio Formação X Informação contempla ambos os aspectos focando porém, a exemplo da Paidéia grega, a **Formação**.

ASSEMBLEIA ESPIRITUAL NACIONAL DOS BAHÁ'IS DO BRASIL – SYLVIO FAUSTO GIL FILHO

Educação de crianças na Fé Bahá'í



A instituições bahá'ís atuam na educação das crianças a nível comunitário de forma sistemática, incluindo a capacitação de professores para esse serviço. O processo não é restrito aos membros da comunidade mas aberto à todos que comungam com os princípios e metas da educação bahá'í.

“É importante mencionar que as aulas bahá'ís para crianças não são como as aulas de doutrinação (...). Embora as crianças aprendam os princípios, os ensinamentos e as crenças básicas da Fé, enfatiza-se o aprender a pensar, a refletir e desenvolver a habilidade de aplicar as leis espirituais à vida do indivíduo e da sociedade.

Especialmente nos primeiros anos da infância, deve-se dar muita atenção ao desenvolvimento das qualidades espirituais e àquelas ideias, hábitos e comportamentos que constituem os atributos essenciais de um ser espiritual.”²

“Quanto à tua pergunta sobre a educação das crianças: cumpre-te nutri-las no seio do amor de Deus, e exortá-las para que busquem as coisas do espírito, para que dirijam a

² Excerto de “Aos Colaboradores” – Livro 3 – Instituto Ruhi

Deus suas faces; a fim de que seus modos conformem-se com as regras de boa conduta, e seu caráter seja inigualável; para que conquistem todas as graças e qualidades louváveis; para que adquiram correto entendimento dos vários ramos do conhecimento, para que, desde o princípio da vida possam tornar-se seres espirituais, habitantes do Reino, enamoradas pelas doces fragrâncias da santidade, e possam receber educação religiosa, espiritual – a educação do Reino Celestial. Verdadeiramente, invocarei a Deus para que lhes conceda nisso resultado feliz.”

‘Abdu’l-Bahá³

No nível familiar cabe lembrar:

A unidade familiar é o núcleo da sociedade humana. Ele fornece um cenário vital para o desenvolvimento de qualidades e capacidades louváveis. Através de seu funcionamento harmonioso e do desenvolvimento e manutenção dos laços de amor que unem seus membros, dá expressão constante à verdade de que o bem-estar do indivíduo está inextricavelmente ligado ao progresso e ao bem-estar dos outros.

Um papel fundamental da família é criar filhos que possam assumir a responsabilidade pelo seu próprio crescimento espiritual e sua participação no avanço da civilização . 'Abdu'l-Bahá afirma que a mãe e o pai de uma criança devem “como um dever... esforçar-se com todo o esforço para treinar a filha e o filho”, e os pais bahá'ís, que são os principais responsáveis pela educação de seus filhos. as crianças devem estar sempre conscientes do seu dever neste contexto. Mas, a educação das crianças não é apenas da responsabilidade dos pais. A comunidade também tem um papel importante a desempenhar e a comunidade bahá'í dá considerável atenção ao assunto. De fato, as classes, abertas a todos, para a educação espiritual e moral das crianças estão tipicamente entre as primeiras atividades a serem perseguidas pelos bahá'ís em uma localidade.⁴

CENTRO DE ESTUDOS BUDISTAS BODISATVA – MILTON SATO



As cinco sabedorias búdicas são uma forma lúcida de agir no mundo, capaz de ser fonte de felicidade para quem as pratica e para os seres ao redor. Elas surgem a partir do desenvolvimento de uma visão mais ampla e compassiva, e configuram o eixo da abordagem pedagógica da Escola Caminho do Meio* e das ações do Instituto Caminho do Meio. Com esta metodologia as crianças (alunos), pais e professores vivenciam esse tema em cinco abordagens destinadas a mergulhar em uma das sabedorias. Carolina Senna

Na Escola Caminho do Meio, consideramos, que “a educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar” (MORIN, 2000).

O aspecto do conhecimento está também associado às quatro relações que buscamos aprofundar: relação consigo, com o outro, com a natureza e com as inteligências sociais. Sendo assim, buscamos promover o autoconhecimento, que possibilita também um olhar mais sensível para o outro; aprofundar um conhecimento significativo sobre a natureza e sociedade, associando um aspecto vivencial e ético ao conhecimento, buscando assim torná-lo vivo e útil para a criação de cidadãos ativos e capazes de uma ação positiva em suas realidades.

³ Título de 'Abbás Effendi (1844-1921), filho mais velho do Fundador da Fé Bahá'í, Bahá'u'lláh, "A Glória de Deus" (1917-1892). Foi designado por Seu pai o Intérprete Autorizado de Seus ensinamentos. O título de 'Abdu'l-Bahá significa "O Servo da Glória" em árabe.

⁴ www.bahai.org/action/family-life-children/

A dimensão de sabedoria tem centralidade na proposta, tendo como inspiração a descoberta do mundo interno como elemento estruturador das experiências subjetivas de cada uma das crianças envolvidas, bem como da equipe e famílias. Essa noção de inseparabilidade entre o mundo interno e o mundo externo é representada pela noção de mandala e dá surgimento às cinco sabedorias lúcidas que compõem um dos princípios norteadores da escola. (ESCOLA CAMINHO DO MEIO, 2015, p.5). Esses valores fazem parte do exercício prático dos professores, que podem oferecê-los às crianças a partir do seu próprio exemplo. Eles não são apresentados de forma discursiva, mas fazem parte da prática diária dos educadores e das crianças. Estão todos envolvidos neste processo de transformação, pais, alunos e educadores, e cada um partindo do ponto onde está dentro de suas possibilidades, potenciais e limites. As sabedorias estão descritas aqui de forma resumida e separadas para que possam ser compreendidas e apresentadas no trabalho, mas na prática elas são indissociáveis.

1) Sabedoria do Espelho (cor: azul): A sabedoria do espelho nos permite oferecer aquilo que faz sentido dentro do mundo do outro com quem nos relacionamos, aquilo que ele é capaz de entender. Esta sabedoria nos permite acolher o outro onde quer que ele esteja e a partir dela pretendemos estabelecer um contato positivo, que nos permite ir adiante no aprendizado, de forma significativa e produtiva. Esta sabedoria nos permite a compreensão de que o mundo que vemos ao nosso redor é um mundo que reflete a nossa mente.

2) Sabedoria da Igualdade (cor: amarelo). Esta compreensão faz nascer um interesse genuíno em mover-se na direção do outro, amparando, promovendo qualidades positivas como compaixão, alegria, equanimidade, generosidade, moralidade, paz, energia constante, concentração e sabedoria. No contexto da prática educativa incrementamos as qualidades positivas que permitem um crescimento dentro do contexto das aprendizagens que demandam cada etapa.

3) Sabedoria Investigativa (cor: vermelho): Tem por base a lucidez e a serenidade. No contexto da prática educativa constitui o eixo de compreensão que nos permite diagnosticar obstáculos, orientar e escolher os meios de ação adequados a cada situação.

4) Sabedoria da Causalidade (cor: verde): Sabedoria que brota da adversidade das circunstâncias. No contexto da prática educativa permite que avancemos além das sensações de ganho ou perda, vantagem ou desvantagem, nossa e dos outros. Permite que possamos dissolver obstáculos e negatividades, ou integrá-las, para que as aprendizagens sejam significativas e positivas.

5) Sabedoria da Transcendência (cor: branco): Permite-nos não dar concretude demasiada às situações e fenômenos, ou, ao que quer que esteja nos afetando, permitindo o acesso a região de lucidez, coragem, estabilidade, criatividade e segurança, interna em cada um.

Uma educação que, prioritariamente, integra a espiritualidade.

O termo espiritualidade é tomado aqui a partir de um recorte bem específico com influências budistas, que é o do ponto de vista da prática realizada na escola sob a orientação do Lama Padma Samten, e já relacionado à educação e ao processo de auto desenvolvimento do educador e do desenvolvimento de sua ação pedagógica como ação no mundo visando beneficiar os seres vivos, animais, vegetais, o ambiente e o universo. Na abordagem da educação sob a perspectiva budista, precisamos desenvolver uma convicção de que o ponto central é ultrapassar a dificuldade de ver. Quando compreendemos este ponto, compreendemos como a questão da espiritualidade é, de fato, uma questão de visão ampla e lúcida da realidade. A espiritualidade se coloca nesse sentido. Não se coloca como uma tradição religiosa que vem convencer as pessoas a fazer uma coisa e não outra, mas é um processo mais profundo, pelo qual nós penetramos na realidade de uma forma mais abrangente. (SAMTEN, 2010, p.20). Tatiana Rubim Klein

Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/147844/001000176.pdf?sequence=1>, Acesso em 31/07

CENTRO DE ESTUDOS BUDISTAS BODISATVA – MARINEI GABARDO

No budismo tibetano o primeiro contato das crianças com os ensinamentos é no seio da família, na relação entre pais e filhos, na observação e imitação das ações e atitudes dos pais.

No CEBB Curitiba temos encontros na “Sanga do Pequeno Buda”, onde são vivenciadas experiências que levem a criança a desejar desenvolver um Bom Coração, a aprender a “Praticar o Bem”, “Não praticar o Mal ou causar conflitos aos outros seres” e “Controlar a própria mente”, os três princípios fundamentais ensinados pelo Buda. São trabalhadas as Cinco Sabedorias, ou seja, a Sabedoria do Espelho, Sabedoria da Igualdade, Sabedoria Discriminativa, da Causalidade e da Darmata. A criança é iniciada na prática da meditação, quando percebe a importância dos momentos de silêncio, de acalmar a mente e assim atingir um estado de discernimento sobre suas ações, conhecendo a si mesma, percebendo e respeitando o outro e todos os seres vivos, praticando a compaixão, a generosidade, a bondade amorosa, o bom coração, reconhecendo a impermanência e a interdependência, fator primordial para a nossa sobrevivência.

Esses objetivos são trabalhados através de histórias, dramatizações, brincadeiras, artes, músicas, jogos de cooperação, discussão de grupo de temas da vida diária ou sobre assuntos levantados pelas crianças e facilitadores. Enfatiza-se a participação dos pais, os quais são convidados a participar das atividades com os filhos.

As crianças aprendem “pelas costas”! Isto é, quando vivencia junto à família, à comunidade e à escola, um interagir fluido e crescente de comportamentos baseados nos ensinamentos do Buda, que se tocam, se somam e assim possibilitam e enriquecem o desenvolvimento que se almeja para as nossas crianças!

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA – JORGE SCHIEFERDECKER



A Igreja de Confissão Luterana e o Culto Infantil

As comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) promovem diversas atividades voltadas para o público infantil. O programa de maior relevância é denominado de Culto Infantil. Está presente na grande maioria das comunidades e tem como objetivo a educação cristã das crianças. No passado recente chamava-se Escola Dominical. A orientação, nos últimos anos, foi oferecer às crianças a oportunidade de vivenciar a dinâmica do culto e, desde muito cedo, conhecer a liturgia do culto cristão luterano.

O Culto Infantil acontece, via de regra, em paralelo ao culto das pessoas adultas. A parte inicial da liturgia acontece em conjunto. No momento da celebração da palavra as crianças são enviadas para um espaço devidamente preparado para elas. Sob direção de orientadores de Culto Infantil, as crianças conhecem histórias bíblicas em uma linguagem adequada a sua idade. Depois são feitas atividades lúdicas visando a fixação da mensagem bíblica. Este momento pode ser permeado com cantos, orações e brincadeiras. As crianças retornam ao local onde estão os adultos, para a celebração da Ceia do Senhor ou para o encerramento do culto.

O Departamento de educação da igreja oferece material de apoio para os/as orientadores/as do Culto Infantil. Atualmente a igreja tem publicado 4 volumes das Histórias Bíblicas para as Crianças. Contendo sugestões de atividades para os encontros semanais e também para datas centrais no calendário da Igreja Cristã. Também é publicado, bimestralmente, a revista “O amigo das Crianças” com histórias bíblicas e mensagens que podem ser utilizadas no Culto Infantil, como em demais atividades com crianças: com colônia de Férias; Dia da Alegria.

O material pode ser acessado no portal da igreja: www.luteranos.com.br e são disponibilizados pela Editora Sinodal.

LEGIÃO DA BOA VONTADE – MARINÊS NERONE



Soldadinhos de Deus, da Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo

As crianças são respeitadas na Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo, como Espíritos Eternos. Por isso, são carinhosamente chamadas, desde a década de 1940, de Soldadinhos de Deus, visto que apresentam, desde pequenas, a capacidade de viverem e propagarem os valores fraternos, éticos e ecumênicos de Jesus, tais como a

Paz, o Amor, a Solidariedade, a União e muitos outros!

Uma das prioridades da Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo desde seus primórdios é a educação e a segurança espiritual das crianças. Por isso, seu presidente-pregador, José de Paiva Netto, instituiu, em 25 de janeiro de 1986, portanto, há 33 anos, o Dia dos Soldadinhos de Deus.

Para que os Soldadinhos de Deus, da Religião Divina, sejam sempre incentivados ao protagonismo no Bem, contam com espaços só deles. Exemplo disso são as Aulas de Moral Ecumênica (AMEs) que acontecem semanalmente nas Igrejas da Religião divina, nas quais aprendem, em um ambiente de conhecimento e alegria, sobre deveres, direitos, responsabilidades e valores universais a partir do Evangelho Apocalipse de Jesus, o Divino Pedagogo.

Além disso, seu presidente-pregador, José de Paiva Netto criou o Fórum Internacional dos Soldadinhos de Deus, da Religião do Terceiro Milênio, que promove o protagonismo infanto-juvenil, incentivando as crianças a utilizar a criatividade e a aprender a refletir sobre temas atuais da sociedade. O evento ocorre durante todo o ano e está em sua 17ª edição.

FRASE SOBRE A IMPORTANCIA DA CRIANÇA PARA NÓS: Conforme esclarece o educador Paiva Netto: "A estabilidade do mundo começa no coração da criança. Protegê-la é acreditar no futuro", mostrando que ensinar aos pequenos sobre a vivência do Novo Mandamento de Jesus — "Amai-vos como Eu vos amei. Somente assim, podereis ser reconhecidos como meus discípulos" (Evangelho, segundo João, 13: 34 e 35) —, é fazer renascer nos corações a certeza de dias de Paz para a Humanidade.

RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA – CANDOMBLÉ - MÃE CRIS DE OSUN



Crescer num ile representa estar crescendo renovado e cheio de ase!

Para o ile ter crianças representam a força do nascimento de todas as coisas que nos fortalece com a proteção de IBEJE.

As crianças em nosso ile aprendem com a observação e o ensinamento dos mais velhos, como todos, porém sempre com um carinho especial e com um tratamento de naturalidade, não é permitido amedrontar as crianças.

Elas entoam as cantigas, entram nas rodas de sire, são inclusas na vida religiosa aprendendo desde cedo, ritos, rituais, fundamentos e humbe.

Porém não exigimos o peso da responsabilidade como um adulto, mas aprendem a ser responsáveis passo a passo, dia a dia.

RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA – UMBANDA - MÃE ADRIANA DE IANSÃ



A CRIANÇA É A SEMENTE DA UMBANDA

A Umbanda, religião brasileira, tem a inspiração das seguintes vertentes religiosas: matriz africana (Orixás e culto aos antepassados), indígena (natureza e culto aos antepassados), católica (sincretismo dos santos com os orixás) e espírita (reencarnação, lei do carma, incorporação).

Construída de forma oral e geracional, pelos (as) dirigentes, que normalmente é uma pessoa mais velha que resgata e mantém os saberes populares adquiridos pela experiência e transmissão oral.

Cada dirigente, denominado Mãe ou Pai de Santo, ensina e prepara seus adeptos para realização de seus ritos de acordo com o aprendizado adquirido anteriormente com o seu mais velho, talvez este seja, o ponto crucial de tantas variações de cultos umbandistas. Cabe salientar, que todos os grupos de Umbanda são sujeitos a diversas influências culturais, mas o processo de assimilação ou não destas influências está ligada diretamente à forma de organização interna de cada dirigente.

Na Umbanda, a origem de tudo vem do respeito ao saber do mais velho. A importância em vislumbrar esses valores no cotidiano umbandista onde se encontra o resgate e manutenção dos saberes populares que lhe dão forma, mas que historicamente foram invisibilizados pela epistemologia eurocêntrica.

A religião de Umbanda constrói um lugar para a criança a partir dos elementos simbólicos que nela estão inseridas, seguem junto com a família, a ritualística e doutrina da casa umbandista que frequenta.

A criança passa a integrar uma família religiosa pelo processo da socialização, mas não se trata de uma iniciação de fato. A transmissão do (a) dirigente ocupa um papel relevante ao pequeno umbandista, que segue frequentando e assistindo aos rituais religiosos. Quando apresentar sintomas da mediunidade, normalmente é acolhido para sua iniciação como médium, que requer muito cuidado e atenção dos (as) dirigentes, passando a ser a semente da Umbanda que aprenderá com os mais velhos toda a doutrina e ritualística, a fim de dar continuidade ao grupo religioso.

ASSINTEC – Associação Inter-Religiosa de Educação

Organizações Religiosas Associadas

1. CENTRO DE ESTUDOS BUDISTAS BODISATVA
2. CENTRO RAMAKRISHNA VEDANTA DE CURITIBA
3. CEBRAS – RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS
4. FÉ BAHÁ'Í - ASSEMBLEIA ESPIRITUAL NACIONAL DOS BAHÁ'ÍS DO BRASIL
5. FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ
6. IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA
7. IGREJA CATÓLICA ORTODOXA GREGA
8. IGREJA CATÓLICA ORTODOXA UCRANIANA
9. IGREJA ECUMÊNICA DA RELIGIÃO DE DEUS - LBV
10. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL - IECLB
11. IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL
12. IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL
13. IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL
14. INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS ISLÂMICOS
15. CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
16. SEICHO-NO-IE DO BRASIL
17. SOCIEDADE INTERNACIONAL PARA A CONSCIÊNCIA DE KRISHNA
18. ORDEM ROSACRUZ – AMORC

Membros Fraternos:

19. ORDEM NAQSHBANDI CURITIBA -SUFÍ



SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS

MATRIZ INDÍGENA – MITO DA IAPUNA (Contribuição: Professora Adriana Mello)

Conteúdo: Linguagens Sagradas – textos orais e escritos: * Mitos.

Objetivo: Conhecer alguns mitos orais e escritos.

Havia entre os indígenas Tupi uma linda jovem chamada Iapuna. À noite, quando as estrelas começavam a piscar no firmamento, sorratamente, saía da maloca das mulheres e buscava um pequeno promontório a cinco minutos de distância. E se entregava aos devaneios do céu estrelado.

Conversava com as estrelas. Parecia que levitava como uma nuvem. Um brilho estelar se refletia no rosto jambo. Mas, quando surgia a lua por trás das árvores sonolentas, ficava fascinada. Acompanhava a trajetória da rainha da noite até que seu fulgor apagasse o brilho das outras estrelas. Iapuna sentia a lua como amiga e confidente. Enchia-se de enternecimento pelo seu rosto suave e irradiante.

___ Como gostaria de acariciar esse rosto afável com minhas mãos! - Suplicava aos espíritos benfazejos:

___ Espíritos de nossos grandes anciãos, deem-me asas para voar até a lua. Façam-me subir e subir para tocá-la carinhosamente. E nunca acontecia nada.

Mês a mês Iapuna ia até o montículo perto da maloca e se deixava enamorar pela lua. Suplicava aos anciãos mortos, espíritos familiares:

___ Queridos avós, façam que vire uma estrela para poder chegar até a lua e abraçá-la afetuosamente.

Por mais que prolongasse seus devaneios diante da lua e redobrasse as súplicas aos espíritos da tribo Tupi, nunca foi ouvida. Vez por outra enxugava uma lágrima furtiva de decepção, aproximou-se o mais silenciosamente que pôde. Parou, enamorada, contemplando a lua sem sequer piscar os olhos. As pequenas ondas faziam a lua estremecer e sorrir de contentamento.

Iapuna, enternecida, estendeu os braços para abraçá-la como quem vai se entregar ao bem-amado, ou carinhosamente segurar um recém-nascido.

Inclinou-se tanto que acabou caindo na água. Estava tão fascinada que se esqueceu de nadar e manteve os braços na forma do abraço.

Lentamente foi sumindo, embevecida, na água, sempre mais fundo e mais fundo, até deixar de respirar.

A lua, lá do alto, encheu-se de pena de Iapuna. E chorou de tristeza. Uma leve nuvem ofuscou por um momento seu brilho sereníssimo, como se o céu quisesse participar também de sua comoção. Emocionada, a lua novamente chorou.

Mas a lua, com o poder celeste que possui, transformou a linda menina Tupi numa flor magnífica, que se abre à noite e se fecha de manhã. Assim, ela pode acompanhar, enamorada, a lua em seu percurso noturno. A folha guardou a forma do abraço de Iapuna. E é tão forte que pode carregar alguém que pese até 45 quilos, que era o peso da menina, quando morreu de paixão. Sua membrana é ampla para acolher todo o esplendor da lua. Assim elas se contemplam, enamoradas, pelos tempos sem fim.

Os Tupi, que acompanharam o destino triste da triste menina, chamaram essa flor, que existe nos lagos remansos tranquilos, com o nome dela, Iapuna. Os braços que ainda guardam amor à natureza a chamaram, orgulhosamente, de Vitória-régia e os cientistas, que tomam pouco a sério as histórias dos sábios indígenas, inventaram um nome artificial para ela e a denominaram de ninfeia. Mas ela, na verdade, se chama Iapuna.

E nós, que não entendemos a bela língua tupi, nos contentamos com o sugestivo nome de vitória-régia, como homenagem a Iapuna.

Fonte: BOFF, Leonardo. **O casamento entre o céu e a terra.** Editora Salamanca. 2005

Para a contação do Mito da Flor de lapuna, a professora poderá criar um ambiente que favoreça a compreensão dos estudantes utilizando os diferentes espaços da escola. Todos se sentarão em círculo ou próximos a professora e ouvirão com atenção.

Este é um mito do Povo Tupi nele é possível verificar a origem da Flor Vitória Régia, conhecida por eles como a Flor de lapuna. Os recursos utilizados poderão ser os mais variados possíveis, como por exemplo: fantoche de dedo, fantoche de bonequinho ou através de fantoche de palito.

Ao contar o mito é interessante realizar a dramatização, entonação de voz para que haja um envolvimento dos estudantes com o mito, aguçando a curiosidade, a concentração, auxiliando na memorização dos fatos.

Ao finalizar é possível fazer uma interpretação oral, entregar aos estudantes o recurso utilizado para que os mesmos possam neste momento dramatizar do seu jeito, “brincar” com o recurso, contar o que mais lhe chamou a atenção.



Para uma fixação e sistematização do conteúdo, serão entregues para os estudantes massinha de modelar, os quais farão uma representação da Flor da lapuna/Vitória Régia e irão expor para as demais turmas da escola. A professora pode trazer imagens de Flores da Vitória Régia para mostrar para os estudantes.



Esta é uma atividade lúdica e prazerosa de se fazer, os estudantes poderão neste momento aprender brincando e conhecer mais uma forma de explicar a origem de alguns elementos de outras organizações religiosas.

OBS: com este mito é possível trabalhar o conteúdo Símbolos Religiosos.

MATRIZ ORIENTAL – OS PAVÕES JAMAIS PODERIAM SER INGRATOS AO MESTRE DA DANÇA (Contribuição: Professora Adriana Mello)

Conteúdo: Linguagens Sagradas – Textos Orais e escritos

Objetivo: Reconhecer diferentes tipos de mitos e textos sagrados orais e escritos.

Quando Krishna soprou o néctar de Seus lábios para dentro da flauta, (...) soando como o mistificador *mantra* de nuvens a retumbarem, essa vibração maravilhosa encantou os pavões na colina Govardhana e em torno dela. Estimulados por esse som, seus corações começaram a cantar de alegria. Eles ergueram suas pernas, abriram suas caudas e arquearam o pescoço, enchendo os céus com sua canção. Esse mantra (...), atraiu todos os pavões e todas as pavoas para até o lado da colina Govardhana,(...), que dançavam de uma maneira muitíssimo especial.

Os pavões erguiam suas pernas ritmicamente, movendo-se para frente e para trás, subindo e baixando a cabeça enquanto lágrimas rolavam por seus olhos.

Expandindo suas caudas para revelar múltiplos arco-íris, vibravam suas penas cada vez mais rapidamente, até que paravam e, então, recomeçavam lentamente, então rápido, então mais rápido.

Toda vez que paravam, os pavões gritavam *ke ka, ke ka, ke ka*, com sua voz ecoando pelos vales. Enquanto acontecia essa dança, o grande rei dos pavões seguiu até os pés de lótus de Sri Krishna, com as lágrimas de seus olhos lamaçando o chão empoeirado. Primeiramente, tocou os pés de lótus de Sri Krishna com seu bico, após o que ergueu seu rosto ao céu, gritando em êxtase: *ke ka, ke ka*. Sri Krishna, que conhece a língua de todos os animais, aceitou a solicitação do rei, que orou: “Querido Sri Krishna, por favor, dance aqui conosco. Por favor, toque Sua flauta e nos faça dançar (...)”.

Sem tirar a flauta de Seus lábios, Sri Krishna lançou um olhar cheio de amor ao rei dos pavões e todos os pavões e pavoas, então, reuniram-se em uma clareira, com Sri

Krishna caminhando graciosamente para o meio deles como seu convidado de honra e começou a dançar como os pavões, acelerando o ritmo de Seu flautear para acompanhar o ritmo de Seus passos. (...).

Enquanto Sri Krishna segurava a flauta em Sua mão esquerda, Suas sobrelhas arquearam de espanto, e Ele dançou ainda mais. Os garotos e as vacas ficaram paralisados no prado, rodeando a assembleia de pavões que tinha Krishna como centro. Os vários animais – terrestres e voadores – ao longo das encostas da colina Govardhana, pararam de comer, beber e brincar e, completamente atônitos, fixaram seus olhos na cena abaixo.

O fim da manhã abriu alas para o meio-dia, e o cansaço tomou conta dos pavões. (...) Não havia canto de passarinhos, nenhum mugir e nenhum movimento nas árvores. As abelhas pararam de zumbir. Sri Krishna, dançava sozinho ao ritmo de Seus próprios passos. (...). Nesse momento, o rei dos pavões, aproximou-se do Senhor Sri Krishna curvando-se ao chão, ele disse: “Querido Krishna, somos criaturas baixas da floresta e, não tendo posses, vivemos nas árvores e comemos quaisquer flores e ervas que estejam disponíveis na estação. Ao nos fazer dançar, Você criou um grande festival de bem-aventurança, pelo qual permanecemos eternamente endividados com Você. Apesar da nossa pobreza, é nosso dever oferecer Sua *dakshina* [remuneração] – caso não o fizéssemos, pareceríamos ingratos (...). Portanto, peço que Você aceite nossa única riqueza, as penas de nosso corpo, e as utilize em Sua coroa como decoração”. Com abundantes lágrimas a cascadearem por seu bico, o líder dos pavões deixou cair muitas penas divinas, de uma coloração extraordinária, aos pés de lótus (...) Sri Krishna que recebeu com alegria as oferendas dos pavões e, conforme pegava as penas, acariciava amorosamente a cabeça deles, para o grande júbilo de todos. Ele colocou algumas penas em Seu turbante e, segurando as demais em Sua mão, retornou para Seus amigos, que O abraçaram com amor e afeição.

Texto adaptado de: <https://voltaaosupremo.com/artigos/historias/quando-os-pavoes-presentearam-krishna-com-suas-penas/>

Para realizar as atividades é interessante trazer a canção de Krishna – Menininho Azul - Krishna: <https://www.youtube.com/watch?v=HaUO8S00BMI> e posteriormente passar o vídeo.

Explorar como é o Menininho Azul, qual é o seu nome, onde ele vive. Reunir os estudantes em grupo e solicitar que, em grupo façam a ilustração com giz de cera, lápis de cor ou tinta guache a representação da canção e confeccionar um grande cartaz. Neste momento é interessante que os estudantes explorem o chão da sala para a criação.

A professora poderá confeccionar de 5 a 6 quebra-cabeças gigantes e entregar aos estudantes e solicitar que os mesmos façam a montagem:



Imagem adaptada de: <http://opequenokrishna.blogspot.com/2010/08/historia-de-krishna.html>

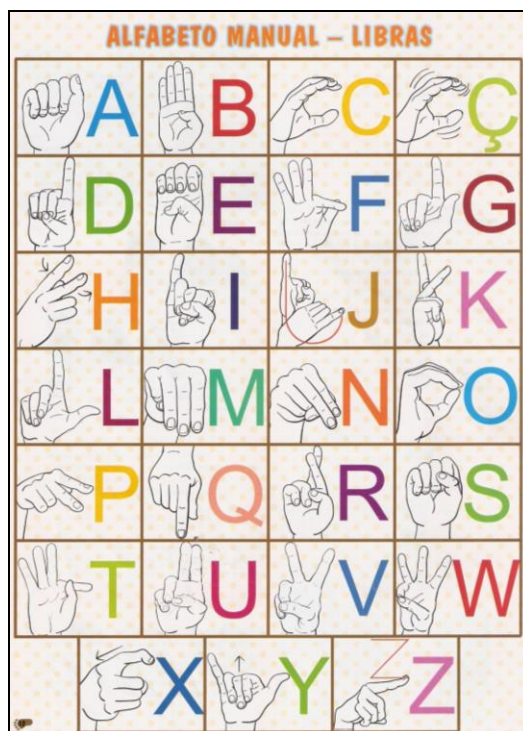
Será possível também entregar a massa de modelar e confeccionar os pavões, as vaquinhas, o Menino Azul – Krishna, os pássaros, a flauta, enfim os elementos que fizeram parte do mito.

MATRIZ OCIDENTAL – MÃOS QUE FALAM (Contribuição: Professora Brígida Karina)

Conteúdo: Símbolos religiosos (natural ou construído)

Objetivo: Identificar e diferenciar alguns símbolos religiosos de não religiosos.

1º momento: promover uma breve conversa sobre a língua que pessoas surdas e algumas com deficiência auditiva utilizam – a LIBRAS⁵. Explicar que na LIBRAS tem o Alfabeto Manual ou *Datilologia*⁶. Entregar para os estudantes o Alfabeto Manual orientando e incentivando para que pratiquem esta comunicação:



Fonte: <http://charles-libras.blogspot.com/2010/04/alfabeto-manual-e-datilologia.html>

2º momento: mostrar para os estudantes fichas com imagens de símbolos religiosos e palavras impressas em letras caixa alta confeccionadas no tamanho de uma folha sulfite na horizontal. Estas palavras e imagens serão selecionadas a partir de conteúdos já trabalhados previamente nas aulas anteriores sobre simbologia religiosa.

Exemplos:



ÁGUA



AMOR



⁵ **Libras** é a abreviação da Língua Brasileira de Sinais e é uma linguagem gestual usada pelos surdos brasileiros utilizando gestos e sinais em substituição à língua oral. Fonte:

<https://www.infoescola.com/comunicacao/lingua-brasileira-de-sinais-libras/>

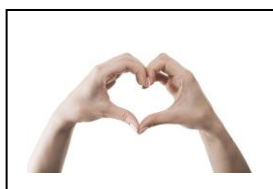
⁶ A dactilologia ou datilologia ou alfabeto manual é um sistema de representação, quer simbólica, quer icônica, das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio das mãos.

3º momento: propor uma brincadeira chamada “*Mãos que falam*” explicando para os estudantes que cada um, na sua vez, se posicionará em frente na sala de aula e sorteará uma das fichas, sem mostrar para os colegas. Depois deverá representar aquela palavra ou imagem da ficha sorteada utilizando somente as mãos para comunicar. O estudante poderá usar de mímica, gestos ou o alfabeto manual. O colega que adivinhar primeiro, será o próximo a participar.

Exemplos:



ORAÇÃO



AMOR



PAZ



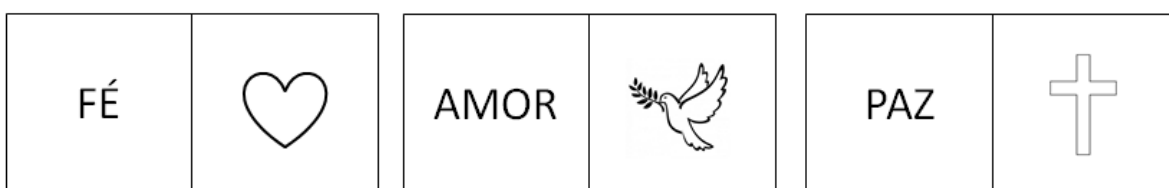
P E I X E

* Para ampliar o conhecimento e estimular um repertório de sinais que correspondam em Libras, o(a) professor(a) pode apresentar o vídeo: “Hugo ensina 16 sinais de sentimentos em Libras” (<https://www.handtalk.me/>). Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W9-J_6b2tuo

Variações: o(a) professor(a) pode, conforme o nível de aprendizagem dos estudantes, aumentar o desafio perguntando se é um símbolo religioso ou não; o significado ou nome correto do símbolo; ou ainda, a qual religião o símbolo representa.

Outra possibilidade é propor que os demais estudantes, durante a brincadeira, façam o registro das palavras e o desenho do símbolo em cartinhas (modelo de dominó), construindo assim joguinhos de associação PALAVRA ↔ IMAGEM.

Exemplo:



* Conheça também “SINAIS DE RELIGIÕES EM LIBRAS”: <https://www.youtube.com/watch?v=PF8INPPIZps&feature=youtu.be>

MATRIZ AFRICANA – MITO DA CRIAÇÃO DO MUNDO E DOS ORIXÁS

(Contribuição: Professora Brígida Karina)

Conteúdo: Linguagens Sagradas – textos orais e escritos

Objetivo: Conhecer alguns mitos orais e escritos.

1º momento: Iniciar a aula dialogando com os estudantes sobre o texto sagrado oral a partir das narrativas anteriormente trabalhadas e dos conhecimentos prévios a respeito do assunto a fim de contextualizar a atividade sobre a forma de texto sagrado oral (verbalizado) apresentado nas religiões afro-brasileiras.

2º momento: Passar o vídeo: “História completa dos orixás” disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=N9bDnMS1vpg&t=41>

O vídeo apresenta o **Mito da Criação do Mundo e dos Orixás**

“Um antigo mito iorubá conta que, há muito tempo, a Terra era um vasto oceano. Os orixás, as forças da natureza personificadas e divinizadas, desejavam conhecê-lo. Obatalá, o Criador, deu a Oxalá o saco da criação e o encarregou de espalhar um pó mágico sobre o mar para criar a terra firme. Oxalá, então, partiu em viagem, mas, no meio do caminho, sentiu sede. Vendo isso, Exú ofereceu-lhe vinho de palma e Oxalá bebeu tanto que acabou se embriagando. Exu recolhe o saco da criação e leva de volta a Obatalá. Obatalá incumbiu a tarefa a Oduduá, que acabou cumprindo sua missão: ele desceu à Terra jogou pó preto sobre o oceano, e transformando-se numa galinha, ciscou o pó preto até que se formaram os continentes e toda a terra firme que há, chamando-a de Aganju. Depois disso, Obatalá criou um grande dendezeiro, pelo qual desceram à Terra todos os orixás, cada um escolhendo uma parte do mundo que lhe agradava, que passou, desde então, a ser do seu domínio. Assim, Oxum e Obá escolheram as águas doces. Iansã quis os ventos; Xangô, os trovões. Obaluaiê, a terra firme. Nanã, a lama dos fundos dos rios; Ogum desejou as montanhas e os minérios. Oxossi, as matas e florestas; Oxumaré, o arco-íris; e Ewá, os horizontes. Apenas Exú não sabia o que escolher, pois tudo e nada ao mesmo tempo lhe agradava. Incapaz de decidir, resolveu ser dono de tudo um pouco. E os outros orixás concordaram. Desse modo que o mundo foi dividido entre os orixás. E uma mágica aconteceu: o planeta passou a ser vivo, pois tudo que havia nele foi impregnado com o Axé dos Orixás.” (Texto adaptado de: BLANC, Claudio. História das religiões - Especial. O axé. On Line Editora. 1 ed. 2017)

3º momento: propor uma atividade em grupos colaborativos para a elaboração de um “Jogo da memória dos Orixás”. Sugerir como regra neste jogo que, além da pontuação na formação de pares de imagens iguais, para jogar mais uma rodada, é preciso descrever uma característica do orixá, caso contrário passará sua vez para o próximo que responder corretamente alguma característica deste orixá.

4º momento: ao finalizar esta proposta de trabalho, proporcionar uma atividade de desenho, pintura e composição por meio de colagem de diferentes materiais e texturas para enfeitar imagens de orixás e socializar com uma exposição na escola sobre o Mito da Criação do Mundo e dos Orixás.



Jogo da memória dos Orixás



Imagens de Orixás para exposição



Exposição sobre o Mito da Criação do Mundo e dos Orixás

Conteúdo: Lugar sagrado (Contribuição: Professor Elói Corrêa)

Objetivo: Reconhecer os diferentes lugares sagrados e necessidade do respeito à diversidade cultural e religiosa

LUGAR SAGRADO

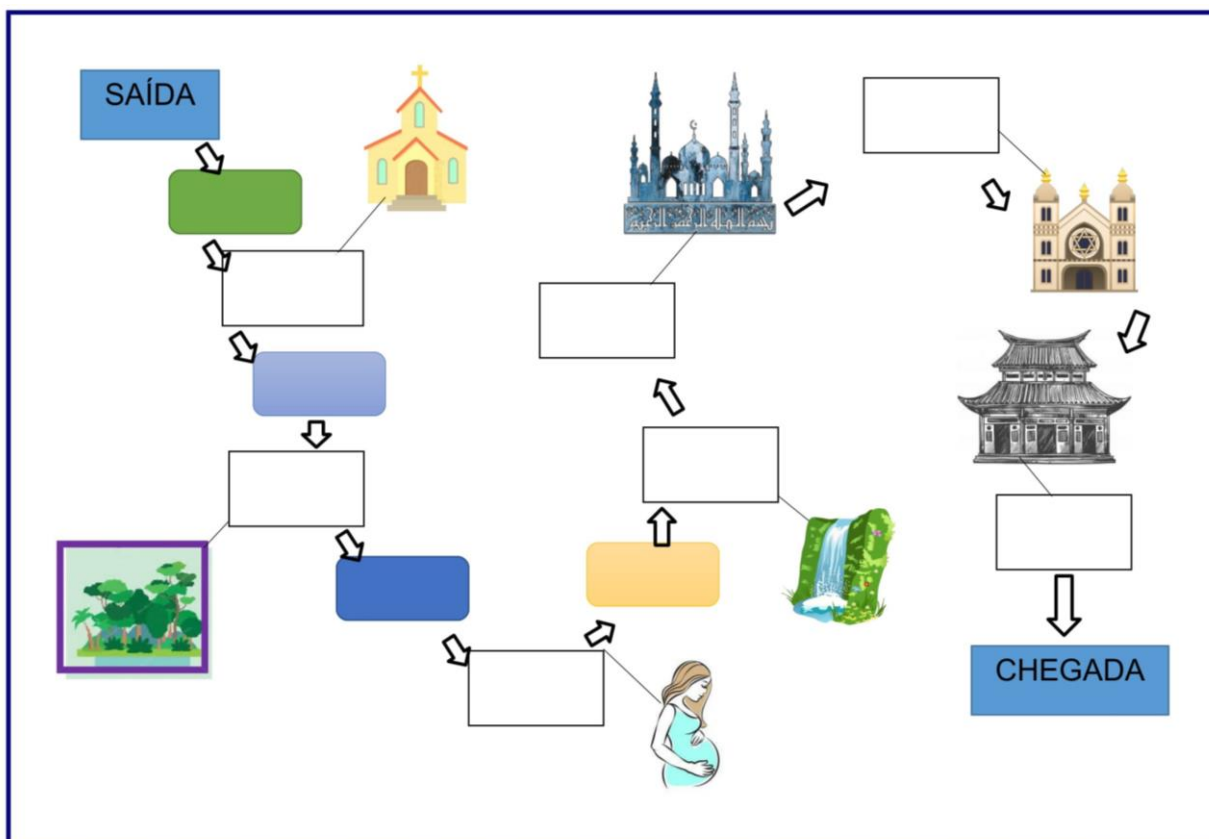
Elói Corrêa dos Santos

TODA RELIGIÃO TEM SEU LUGAR SAGRADO
SEJA A IGREJA, O TEMPLO OU O TERREIRO
NA MESQUITA DO ISLÃ
NA SINAGOGA DO JUDEU
NA NATUREZA DO INDÍGENA
OU NO VENTRE DE ONDE SAÍRAM VOCÊ E EU

SANTUÁRIOS E CACHOEIRAS
DO XAMANISMO OU DOS ORIXÁS
TODOS MERECEM REVERÊNCIA E RESPEITO
PORQUE SÃO SAGRADOS PARA ALGUÉM
NÃO IMPORTA SUA CRENÇA, SEU CULTO OU RELIGIÃO
TODOS TEMOS NOSSOS DIREITOS DE VIVER COMO CIDADÃOS.

Instrução:

Depois de ler e analisar a poesia e conversar com os colegas sobre o que ela quer dizer, separam-se em duplas para fazer uma atividade lúdica. Neste jogo que utiliza um dado, você terá que escrever o nome do lugar sagrado quando sua peça parar no quadrinho correspondente, conforme a poesia lida anteriormente. Mais importante que chegar antes ao ponto final é se divertir apreendendo o nome dos lugares sagrados.



Matriz: indígena, ocidental, africana e oriental (Contribuição: Professora Débora Basso)

Conteúdos: Ritos

Objetivos: compreender que os ritos são celebrações das tradições e manifestações religiosas responsáveis pela construção de espaços sagrados, que fortalecem a identidade das pessoas pertencentes a diferentes tradições religiosas e fortalecem as relações interpessoais.

Para apresentar esse conteúdo, sugerimos que o (a) professor (a) inicie com dois vídeos de uma reportagem disponibilizada pelo G1 em 2014. Ver links

<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2014/07/indigenas-bororos-mantem-ritual-e-batizam-criancas-em-aldeia-de-mt.html>

<http://g1.globo.com/mato-grosso/videos/v/ritual-batiza-criancas-em-aldeia-indigena-bororo-em-rondonopolis-mt/3521873/>

A primeira parte da reportagem mostra os preparativos para o ritual de nomeação das crianças da etnia Bororo da aldeia Pobóre, em Rondonópolis, a 218 km de Cuiabá. Esses preparativos são realizados pelos homens e pelas mulheres da tribo, que confeccionam adereços que serão usados pelas crianças durante o ritual. Na segunda parte da reportagem acompanhamos o ritual.

Após assistir o vídeo com os educandos, o (a) professor (a) pode fazer um levantamento com eles de suas experiências pessoais. Perguntando se já frequentaram algum ritual de iniciação, se participaram como convidados ou como protagonistas, pedir para que descrevam o ritual e apontem a que religião este pertence, como eles se sentiram.

A partir do levantamento das experiências individuais, propor uma pesquisa sobre rituais de iniciação dentro das quatro matrizes religiosas. *Pesquisar um ritual de iniciação em uma religião, de sua escolha, em cada uma das matrizes: indígena, ocidental, africana e oriental.* Essa pesquisa deve ficar no caderno. Na próxima aula, verificar quais foram os rituais que mais apareceram na pesquisa realizada pelos alunos, em cada uma das matrizes religiosas. Então, eles escolherão quais rituais mais os impressionaram. É importante que se escolha um ritual para cada uma das matrizes, assim teremos quatro rituais, cada um contemplando uma das matrizes. Por exemplo:

Matriz	Religião	Ritual
Indígena	Bororo	Ritual de nomeação
Ocidental	Católica Apostólica Romana	Batismo
Africana	Umbanda	Feitura de cabeça
Oriental	Hare Krishna	Annaprasana

Posteriormente, separamos a turma em quatro grupos, fazemos o sorteio dos quatro rituais que mais chamaram a atenção dos alunos. Propomos que os grupos pensem em uma forma de explicar, para a turma, o ritual que sortearam. Pode ser por meio de um teatro de sombra ou de fantoches; de uma paródia musical; de uma poesia; de um desenho.

Para finalizar essa prática, feitas as apresentações dos alunos, o (a) professor (a) deverá sensibilizá-los para o fato de que nossa vida cotidiana é permeada por rituais. Que não há apenas os rituais religiosos, mas também há os rituais cívicos, os rituais familiares, escolares, etc.

INFORMAÇÕES GERAIS

V CAFÉ INTER-RELIGIOSO

No dia 16 de julho, a diretoria da ASSINTEC, seus associados, equipe pedagógica e convidados, estiveram presentes na Federação Israelita do Paraná para celebrar mais um momento de confraternização.

O V Café Inter-Religioso da ASSINTEC teve como tema:
"A criança nas diferentes religiões"



ASSINTEC

- XXV ARTE E ESPIRITUALIDADE - Este evento acontecerá no dia 27/11 no Auditório da Biblioteca Pública do Paraná. Maiores informações pelo site: <http://www.assintec.org/>

SME DE CURITIBA

- VIII Compartilhando Experiências no Ensino Religioso de Curitiba. Para maiores informações acessar a página do Ensino Religioso: <http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/ensino-religioso/3770>

SEED/DEB

- Página do Ensino Religioso: <http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/>
- LIVRO DE ENSINO RELIGIOSO: DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA: a Secretaria de Estado da Educação do Paraná disponibiliza o livro em pdf na página disciplinar do Portal da Educação: <http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1271>

MEMBROS DA DIRETORIA BIÊNIO 2018-2020

Jorge Schieferdecker – Presidente
Sylvio Fausto Gil Filho – 1º Vice-presidente
Dorival Bráz Simões – 2º Vice-presidente
Gustavo Roberto de Sá Pereira – 1º Secretário
Simone Correa – 2ª Secretária
Gamal Oumari – 1º Tesoureiro
Volnei Carlos de Campos – 2º Tesoureiro



EQUIPE PEDAGÓGICA

Adriana Mello Gaertner Fernandes
Brígida Karina Liechocki
Débora Cristina Basso
Elói Corrêa dos Santos



O X Congresso Nacional de Ensino Religioso é um evento organizado pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER), pelo Programa de Pós-Graduação e Bacharelado em Teologia da PUCPR e pela Associação Inter-religiosa de Educação (ASSINTEC). Acontecerá nos dias 18, 19 e 20/11 em Curitiba. Maiores informações no site da Assintec: <https://assintec.org/>. Inscrições: <https://doity.com.br/xconere>

2º Semestre de 2019

Avenida Anita Garibaldi, 2.395 – São Lourenço
CEP: 82210-000 – Curitiba PR
Fone: (41) 3221-3000 Ramal:215
E-mail: assintecpr@yahoo.com.br



Curta nossa página no Facebook



Site da ASSINTEC: www.assintec.org



Assista: ASSINTEC no YouTube